

A IMORTALIDADE DA ALMA NO FÉDON DE PLATÃO.

Elcimar Ferreira da Silva ¹
Prof. Me. Paulo Cesar Delboni ²

RESUMO

Este presente trabalho possui como objetivo o estudo acerca da imortalidade da alma. Diante de uma sociedade relativista onde o sentido da vida é esvaziado e o valor da vida do ser humano, se faz necessário retornar a teorias e pensamentos bases para entendimento. Partindo do diálogo Fédon, Platão apresenta diante de argumentos as provas de que a alma, parte do dualismo corpo e alma, é imortal. Assim, Platão nos ensina que não devemos temer a morte e sim cuidar da vida para que ela seja virtuosa. Para tal, utilizaremos acervos bibliográficos de obras e comentadores com a pretensão de obter clareza da importância que Platão exprime ao definir sobre a alma e sua natureza.

Palavras-chave: Platão. Corpo. Alma. Dualismo. Imortalidade.

ABSTRACT

This present work has as objective the study about the immortality of the soul. Faced with a relativist society where the meaning of life is emptied and the value of human life, it is necessary to return to theories and basic thoughts for understanding. Starting from the Phaedo dialogue, Plato presents the proofs that the soul, part of the dualism body and soul, is immortal. Thus, Plato teaches us that we should not fear death but take care of life so that is it virtuous. For this, we will use bibliographical collections of works and commentators with the intention of obtaining clarity of the importance that Plato expresses when defining the soul and its nature.

Keywords: Plato. Body. Soul. Dualism. immortality.

¹ Graduando em filosofia, Centro Universitário Salesiano – UniSales – Vitória – ES. E-mail: elcimar_ferreira@hotmail.com

² Professor de Filosofia do Centro Universitário Salesiano. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universitá Gregoriana (Roma/Itália). E-mail: pdelboi@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa fazer uma análise crítica das provas elencadas acerca da imortalidade da alma na visão do filósofo Platão. A importância desse tema está no valor e cuidado que a sociedade tem sobre como tratar o ser humano (outro) e consequentemente o mundo em que habitamos.

Procuraremos evidenciar nesse trabalho a origem do pensamento sobre a alma e a forma de como Platão procura esclarecer a questão exposta na obra Fédon, sobre a finitude do corpo do homem e a infinitude ou imortalidade da alma do homem, definindo o conceito de alma para Platão, desdobrando os argumentos platônicos a respeito da imortalidade da alma, expondo os limites e dificuldades relacionados a tais argumentos, e enfatizar a importância da doutrina platônica diante de relativismo que percebemos ter nesses tempos.

Através dessa clássica obra da literatura filosófica nos é apresentado alguns dos elementos que entendemos ser a filosofia platônica, dentre elas, o Dualismo corpo e alma e o Mundo das Ideias. “A alma é pela primeira vez referida no diálogo na discussão em torno da atitude do filósofo perante a morte, na nunca questionada definição da morte como a separação da alma do corpo”. (SANTOS, 2009, p. 39)

Usaremos como fonte de pesquisa bibliográficas tais como livros, artigos e teses a fim de embasarem o referencial teórico onde definiremos o conceito de alma platônica e: como esse conceito contribui para o entendimento do ser humano sobre sua existência? Essa pergunta será nosso ponto de partida para trabalharmos nossa pesquisa que teremos como base e centralidade a clássica obra Platônica em forma de diálogo chamada Fédon, que faz parte de um grupo de diálogos ligados à morte de Sócrates.

A partir desse pressuposto, teremos a capacidade de analisar os diversos conceitos obtidas a respeito do tema, possibilitando a formação de mecanismos de reflexões para avaliar as diversas teses que afirmam e defendem a imortalidade da alma em Platão, ligando à necessidade e importância desse pensamento platônico para a sociedade atual que passa por grandes mudanças na sua forma de pensar e de valorizar a vida humana.

2 CONCEITO DE ALMA EM SÓCRATES E PLATÃO

A primeira reflexão levantada sobre a alma começou na chamada escola de filosofia Jônica, onde o pensamento grego era essencialmente uma cosmologia, tendo como exemplo a origem de todas as coisas em que Tales, estabelecendo a água como origem de todas as coisas.

Com a evolução gradativa do pensamento grego o tema da alma é retomado com grandes contribuições de Pitágoras que usando a matemática e a razão mostra uma nova visão, colocando em evidência a sua crença na existência da alma.

Mas, foi Sócrates quem definiu definitivamente o conceito de alma quando definiu a alma como individual. O conhecimento de si para ele é importante para alcançar a verdade e realidade do mundo e de todas as outras coisas. Sócrates define a alma como personalidade intelectual e moral do homem.

O que se impõe para o desenvolvimento de uma moralidade e de uma religião espiritual é que a insistência órfica sobre a suprema importância do preocupar-se com os interesses da 'psyche', seja ligada com a identificação dessa 'psyche' altamente preciosa com a sede da inteligência normal e com caráter individual. Este é precisamente o passo à frente que se realiza na doutrina da alma professada por Sócrates tanto em Platão como em Xenofonte" [...]damos conta de que esses, como nos outros socráticos, sempre põem na palavra 'alma' uma ênfase surpreendente, uma paixão insinuante e como que um juramento [...]. A palavra alma, pelas suas origens na história do espírito, tem sempre para nós uma conotação de valor ético ou religioso. Tem um tom cristão [...]. (REALE, 2002, p. 138 e 139)

Havia na antiguidade grega a crença de que afirmavam que após a morte a alma ao separar do corpo retornava ao Hades e depois retornava renascendo no mundo dos vivos e assim sucessivamente. Partindo deste princípio, Sócrates argumenta que se as almas dos vivos nasceram das almas dos mortos, elas terão a necessidade de retornarem para onde vieram. Segundo ele a alma é uma substância específica, imaterial, não composta e essencialmente distinta do corpo material.

Que significa, conseqüentemente, cuidar de si mesmo? É evidente que não pode significar cuidar somente do próprio corpo, e menos ainda das próprias riquezas. De fato, o corpo é o "instrumento" de que a alma se serve e, portanto, algo que é "próprio" do homem, mas não é o "si próprio" do homem. [...] portanto, cuidar de "si próprio" só pode significar isso: cuidar da própria alma. (REALE, 2002, p. 150)

Em Sócrates o que dá ao homem uma personagem única é a alma, uma vez que não pode se definir o homem como seu próprio corpo.

Platão, que se chamava Arístocles, nasceu em Atenas no ano de 428 a.C e faleceu no ano de 348 a.C. O apelido de Platão foi recebido na sua juventude devido o seu porte físico, que significa ombros largos. Vindo de uma família de posses teve uma oportunidade maior de se dedicar aos estudos de filosofia. O filósofo Platão foi um dos discípulos de Sócrates, onde tem a maioria da sua base filosófica de pensamento. Mestre tão importante que na maioria de suas obras Sócrates aparece em diálogo.

Fédon: Conhecido pelos antigos igualmente por *Da Alma*, está entre os mais belos e comoventes diálogos, pois relata as últimas horas de Sócrates e sua morte pela cicuta. O narrador é Fédon, que esteve com Sócrates em seus momentos derradeiros. De modo escorreito e fluente, como que determinando pelas palavras do condenado e seu comportamento ante a morte inerente, o diálogo aborda a morte e converge para a questão da imortalidade da alma [...] (PLATÃO, 2007, p. 35)

A obra em que mais fica fundamentada a imortalidade da alma é o Fédon, onde usa seu mestre Sócrates como personagem principal em um diálogo quando estava prestes a tomar o veneno cicuta como sentença de morte.

Em sua filosofia, Platão teve influência de vários pensadores, principalmente no assunto metafísica.

Platão sabe como Parmênides, que o metafísico deve contemplar, nas coisas, o próprio ser. Mas não absorve tudo aquilo que é, na unidade do Ser imutável e absoluto, reconhece que há graus no ser. E sobre isso descobre grandes verdades metafísicas, compreende que, se há coisas mais ou menos perfeitas, mais ou menos belas e boas, mais ou menos dignas de amor, coisas em que a bondade se encontra de certo modo misturada, e que “participam” da bondade, como se diz em filosofia, é preciso necessariamente haver um ser em que a bondade, a beleza, a perfeição estejam em estado puro e que seja a razão da beleza e da bondade de tudo o que mais. (MARITAIN, 1981, p. 52)

Além de Parmênides, Platão em sua filosofia foi influenciado também por Pitágoras, Heráclito e principalmente por seu mestre Sócrates.

Em seu pensamento filosófico, Heráclito afirma que as coisas estão em constante mudança. “Tudo se move, tudo escorre (*panta rhei*), nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuda, sem exceção”. (REALE, 1990, pag. 35)

Em Parmênides, Platão usa a problematização da metodologia científica e que ao contrário de Heráclito defendia a imutabilidade, imobilidade e unidade.

Para Platão, a transmigração da alma (reencarnação), ensinamentos de Pitágoras, realmente acontecia e a busca pelo conhecimento racional superior era uma maneira de aproximar-se da alma e dos elementos divinos. “Além disso, e sem qualquer

conexão com tudo aquilo, a doutrina da transmigração das almas, vinculada a seitas religiosas dos Órficos está vinculada com certeza à pessoa de Pitágoras [...] (JEAGER, 1989, p. 140)

Platão usa desses pensamentos para fundamentar a elaboração da Teoria das Formas. Mas, vem de Sócrates, como seu mestre, a maior parte de suas ideias, sendo a essência das coisas uma delas. Parte desses ensinamentos a concepção platônica do homem como dualismo composto de corpo e alma. O corpo para ele.

Pode-se resumir a prova central do Fédon da seguinte forma: a alma humana sustenta Platão (de acordo com tudo que vimos anteriormente), é capaz de conhecer coisas imutáveis e eternas. Ora, para poder conhecer tais coisas, ela deve possuir, como *conditio sine qua non*, uma natureza dotada de afinidade com essas coisas. Caso contrário, estas ultrapassariam as capacidades da alma. Consequentemente, como as coisas que a alma conhece são imutáveis e eternas, a alma também precisa ser eterna e imutável. (REALE, 1990, p.156)

Portanto, a prova da existência da alma, que é por excelência um ser metafísico se faz necessário para um estudo do mundo dos seres incorruptíveis e iguais a ela (alma) por essência.

3 A IMORTALIDADE DA ALMA

Diante da angústia de seus discípulos pela condenação à morte de seu mestre Sócrates, Platão tece seu pensamento sobre o que seria no dualismo a alma e se ela é imortal.

Em todos os diálogos em que trata da alma humana, Platão a apresenta como uma natureza intermediária entre o sensível e o inteligível, participando da primeira pelo corpo e da segunda pela inteligência ou razão. Porque participa das Formas, a alma participa da eternidade delas, ou seja, é imortal. (CHAUI, 2002, p. 291)

Para sustentar que a alma é incorruptível, Platão precisa provar que a mesma seja imortal. Partindo dessa necessidade, ele (Platão), no Fédon traça um itinerário de três argumentos: o argumento dos contrários, o argumento da anamnese e o argumento da teoria das Ideias ou Formas.

3.1 O ARGUMENTO DOS CONTRÁRIOS

Na obra Fédon, Platão, não diferente de suas outras obras, comunica suas ideias através de Sócrates, como personagem. Neste caso, Platão precisa tecer

argumentos que seja menor refutável para afirmar que a alma é um ente imortal e permanecendo racional após o dualismo corpo e alma ser eliminado (extinto). Tendo a alma o corpo como prisão, necessita se libertar para que tenha a plenitude do conhecimento. O caminho para essa libertação se dá através do exercício da filosofia. Diz-nos o Sócrates como personagem:

É agora a vós que sois os meus juízes, que quero dar conta das minhas razões, explicar-vos em que medida me parece natural que um homem, que toda a vida consagrou à filosofia se sinta tranqüilo à hora da morte e plenamente confiante de que Além, terminados seus dias, logrará o melhor dos destinos. Como é isto possível, Símiias e Cebes, eis o que justamente o que irei tentar explicar-vos. O comum das pessoas está, provavelmente, longe de presumir qual o verdadeiro alvo da filosofia, para aqueles que porventura o atingem, e ignoram que a isto se resume: um treino de morrer e estar morto. Mas à medida que assim é, custaria a compreender que alguém passasse toda uma vida sem outra realidade, que há tanto tempo era o objeto exclusivo de seu empenho e dos seus esforços. (PLATÃO, 2000, p. 40)

Dizer que os opostos, no caso vida e morte, são excludentes, é resultado da afirmação de que a morte é contrária a vida, ou seja, quando a morte está, a vida não está e conseqüentemente quando existe a vida a morte não há, sendo que nós nos referimos do mesmo ser. A morte só pode ser se antes houve vida e para que a vida aconteça, é necessário nascer, e nascer significa morrer aos poucos. Percebemos então um processo que vai do nascer ao morrer, tendo dois limites distintos que são: a vida que vem da morte e a morte que vem da vida. Entre vida e morte existe um espaço que podemos chamar de viver em que um ser que é perfeito, a alma, compartilha a existência com um ente corruptível que está destinado a ser destruído, no caso o corpo.

Segundo Platão, o argumento dos contrários excludentes passa por experiência investigativa frente a oposições que percebemos. Para exemplificar, podemos usar nossa percepção do dia a dia como frio e quente, e outros, comparando com as diferenças entre o mundo sensível e o mundo inteligível.

Quando analisamos a questão da convergência dos opostos divergentes, Platão diz que essa impossibilidade de convivência resulta na destruição que recebe os opostos na medida em que partilham do mesmo meio. Diz Platão:

Quanto a mim – diz Cebes -, a coisa é mais evidente! Foi então que ao ouvir isto, um dos presentes – quem quer que fosse, não me lembro ao certo – interveio:

Pelos deuses, não chegamos nós, na primeira parte da nossa conversa, à conclusão precisamente oposta daquela a que agora se chega? Não então que é do menor que provém o maior e do maior que provém o menor, sendo

justamente essa a gênese dos opostos, isto é, a partir dos opostos? Agora porem, segundo depreendo, se afirma que nunca tal poderia vir a suceder [...] (PLATÃO, 2000, p. 91)

São essas variações percebidas pelos nossos sentidos que ocorre esse processo de mutação dos elementos. Os acontecimentos do mundo inteligível mostram-se pela não convivência, em mesmo ente, de opostos divergentes tendo como exemplo o fogo que não admite o frio. Outro exemplo é a neve que não admite o calor.

Platão nos mostra que em um mesmo ser não se pode reunir características que sejam contrárias uma da outra, como por exemplo: o justo vem do injusto, o pequeno vem do grande, a vida vem da morte etc. Em Fédon, Platão nos diz:

Pois bem – prosseguiu – se queres ir mais facilmente ao fundo do problema, não o encares apenas em função da espécie humana, mas também do conjunto de animais e plantas, de tudo aquilo que, enfim, está sujeito à geração. E tendo em conta a totalidade dos seres, vejamos se é segundo esse princípio que toda a geração se processa, se é dos contrários e apenas destes que nascem os contrários, sempre quer uma relação desse tipo se verifica: por exemplo, do Belo, contrário do feio; no Justo o contrário do injusto e assim em mil outros casos. Analisemos, pois, este ponto: se tudo o que existe em relação de oposição se origina necessariamente a partir de seu contrário e apenas dele. Concretizando: quando um dado objeto se torna maior, não será forçosamente a partir de um anterior estado de pequenez que depois passa a maior? (PLATÃO, 2000, p. 48)

Segundo Platão, a vida somente pode vir da morte, e assim, só pode resultar a vida. Ele não nega esse caminho e compreende essa relação de morte e vida como o que conhecemos como vir a ser. A Alma como forma tem a eternidade entre os suas características, porém, a Vida como forma sempre será opostos a Morte, da mesma forma que o Ser e o Não Ser são opostos.

Que coisa estranha, amigos, essa sensação a que os homens chamam prazer! É espantoso como naturalmente se associa ao que passa por ser o seu contrário, a dor! Ambos se recusam a estar presentes ao mesmo tempo no mesmo homem; e, todavia, se alguém persegue e alcança um deles, é quase certo e sabido que acaba por alcançar o outro, como dois seres que estivessem ligados por uma só cabeça. (PLATÃO, 2000, p. 35)

Nessa narrativa o personagem Sócrates inicia o diálogo que levará à uma fundamentação metafísica acerca da imortalidade da alma onde o mesmo reclama dos grilhões que machucavam o seu corpo e que, no ato de serem tirados proporcionam grande prazer e ele tece comentários sobre a dor e o prazer.

A prova dos contrários começa a ser desafiada quando o personagem Sócrates apela a uma doutrina órfica e pitagórica, que diz:

Segunda uma velha doutrina, que já aqui lembramos, é para ali que vão os alunos que daqui partem, e aqui regressam de novo, renascendo dos mortos. Ora, se isto assim é, se efetivamente os vivos renascem dos

mortos, que pensar senão que as nossas almas ali existiam? (PLATÃO, 2000, p. 48)

Para eu dizer que algo regressou, tenho que afirmar que esse algo regressou de algum lugar e lá existiram. Pois não existindo lá não poderiam de lá renascer. Então, compete provar que os vivos vieram dos mortos, compete provar o viver como contrário do morrer. Eis o objetivo da prova, o caminho é a comparação dos contrários excludentes.

Para chegar ao objetivo traçado, Sócrates começa por pesquisar a existência dos contrários não somente na esfera da espécie humana, mas recorre a tudo que recebe corrupção e geração.

Se queres ir mais facilmente ao fundo do problema, não o encares apenas em função da espécie humana, mas também do conjunto dos animais e plantas, de tudo aquilo que, enfim, está sujeito à geração. E tendo em conta a totalidade dos seres, vejamos se é segundo esse princípio que toda a geração se processa, se é dos contrários e apenas destes que nascem os contrários. (PLATÃO, 2000, p 48)

Passando a ver o contrário de coisas tais como: Belo e o Feio, Justo e Injusto, o Pequeno e o Grande, o Rápido e o Lento. Levando a Cebes a entender a existência de um oposto em tudo aquilo sujeito a geração ou corrupção, e a compreender também, uma reação inversa que leva a mudança de estado, reação esta que é transformação contínua. Uma geração correspondendo a uma corrupção imediata, num contínuo destruir corresponder a um contínuo criar.

Nessa prova também se discute sobre o que é renascer. Não é tão somente uma geração, ou seja, o surgimento de um ser que vem da morte para a vida? Pondo-se fim à geração, restaria tão somente a morte.

Como também, se apenas houvesse fusão e não separação entre os seres, em breve se confirmaria o dito de Anaxágoras: "todas as coisas num só lugar". E, na mesma ordem de ideias, meu caro Cebes, se tudo quanto participa da vida devesse morrer e, após a morte, as coisas mortas se fixassem nesse estado, sem voltar a nova existência, não seria absolutamente inevitável que todas as coisas acabassem por ficar mortas e nenhuma viva? (PLATÃO, 2000, p.51)

E este fim impede a existência de um começo, o que, para Sócrates, seria atentar contra a lei de corrupção e geração, e negar o processo; que, por sua vez, é baseado na alternância de opostos (vida/morte); seria, em última instância, colocar em perigo toda a vida na terra. Platão tenta provar a tese de que de uma geração, necessariamente, deriva uma corrupção e vice-versa. A vida deriva da morte, a

morte deriva da vida. Existindo somente a morte, não haveria a vida, que lhe precede e substitui, e seria o fim da geração.

Platão utiliza o argumento dos contrários para provar as relações do mundo não inteligível com o sensível, tanto como a do corpo com a alma; e o faz propositalmente no início do Diálogo com vistas a abandonar os pressupostos do senso comum e atingir o seu alvo que é demonstrar, através da Dialética, o mundo das Ideias ou Formas do conhecimento; assim, o que realmente almeja com o argumento dos contrários, na ordem posta do Fédon, é preparar o leitor para o entendimento do mundo das Formas, o que, para ele, representa a Realidade em si, a Verdade em si, o Bem em si e Conhecimento em si, aquilo enfim, que a alma contempla e se lembra, provando a sua permanência e individualidade. O antagonismo alma/corpo ou vida/morte é a parte visível, para os olhos do homem, desta relação Forma/simulacro, sendo este último o ente sujeito à corrupção.

Entendemos então que o argumento dos contrários excludentes prova apenas um caminho de vir a ser do corpo, acrescentando a questão da permanência da alma como recebedora da forma da vida, que tem em si a imortalidade e isso não é suficiente para comprovar a permanência de uma alma racional.

3.2 O ARGUMENTO DA ANAMNESE

A teoria agora tratada e que nomeamos como a da anamnese ou reminiscência, vem juntamente com outros argumentos aqui analisados formar todo um corpo de provas visando à resposta para a indagação sobre se a alma é de fato imortal.

A Alma teria os mesmos predicados do Igual em Si, os mesmos predicados que cercam a Forma imutável e a Ideia perfeita, sinônimos dos seres que habitam o universo platônico, que foram vistos pela alma e por isto são reconhecidos, ou lembrados.

Para fazer válida a argumentação visando a construção de seu raciocínio sobre a imortalidade da alma, o filósofo sai da conclusão da Teoria dos Contrários quase repentinamente, passando a desenvolver a teoria da reminiscência e a análise do Igual em Si. A porta de entrada para a Teoria das Formas ou Ideias, que é o pensamento que embasa a filosofia platônica.

Replicando a afirmação de Sócrates de que a alma está destinada a percorrer um círculo de encarnações, “o renascer, a geração dos vivos a partir dos mortos, a sobrevivência das almas dos que morreram” (PLATÃO, 2000, p. 52) , Cebes relembra a Sócrates a doutrina da Reminiscência, que fornece ao Diálogo mais uma prova de que a alma existiria antes do nascimento e que sobrevive a passagem para a morte. Este estado anterior à morte, a existência, que Platão procura provar, do ser móvel anterior ao nascimento, do ser que preenche o nosso corpo quando recebemos a vida, e que denominamos alma, é a razão para trazermos vagas lembranças de vidas passadas.

A teoria da reminiscência tem intrínseca relação com os cultos a Orfeu e a doutrina de Pitágoras, devendo, sempre, serem observadas como partes de uma mesma argumentação que visa provar a imortalidade da alma; uma alma que perpassa os momentos viver e morrer, de esquecer e conhecer, tangidos sempre pelo movimento dialético para o bem em si mesmo. Para Platão, lembrar é um reconhecer, ou seja, rever aquilo que já foi visto, e que estava adormecido, em esquecimento, em nossa alma. A Alma, como ser eterno, teve, quando ausente do corpo, o conhecimento das Formas e assim, entre estas, vislumbrou o Conhecimento-em-Si. Desta afirmação se conclui, seguindo a linha de raciocínio advogada por Platão, que não seria o conhecimento algo a ser adquirido e sim lembrado.

Segundo Platão a alma de todos os homens tem em si o conhecimento pleno. Porém, a relação com o mundo sensível abate, em primeiro ato, quando do nascimento, este conhecimento no homem, tal como quem recebe um véu de esquecimento.

O que aliás, Sócrates – atalhou Cebes – não vem senão reforçar essa teoria que traz constante à baila, ou seja, que o aprender não é senão um recordar, segundo ela, é indispensável que tenhamos adquirido, em tempo anterior ao nosso nascimento, os conhecimentos que atualmente recordamos. Ora, tal não seria possível se a nossa alma não existisse já algures, antes de encarnar nesta forma humana. De modo que, até sob este prisma, dá ideia que a alma é algo de imortal. (PLATÃO, 2000, p. 52)

Diferente do primeiro argumento sobre a imortalidade da alma (Teoria dos Contrários), o argumento da reminiscência, na forma exposta acima, deve dar-nos, pelo menos, razões e esperanças que nossas almas venham a atingir a sabedoria pela lembrança, ou reconhecer a sabedoria que uma vez nós a possuímos desde antes do nascimento. A morte seria, portanto, um voltar ao contemplar; voltar ao rever aquilo que, para Platão, cegos pela vida já não vemos, o Mundo das Formas.

Desta forma, Platão aceita o movimento nas coisas corruptíveis, aproximando-se da assertiva maior de Heráclito, que diz que tudo flui, ao admitir uma transposição de estados, tal qual “do primeiro para o segundo e, inversamente, deste último para o primeiro” (PLATÃO Fédon 2000 p. 49); oposições que não escapam ao princípio da geração e corrupção; e que faz deste processo citado, uma possibilidade de transposição que nos leva a aceitar como ser a vida um caminho para o estado: morte, e que, quando na morte, estamos em um caminho para a vida, processo este que recebe de Platão o nome de reviver.

Conseqüentemente, também neste ponto estamos de acordo: os seres vivos procedem dos mortos, tal como os mortos procedem dos vivos. E se assim é, quer-me parecer que os dados que temos são suficientes para concluir que, por força, as almas dos mortos subsistem algures, donde precisamente voltam para renascer. (PLATÃO, 2000, p. 51)

Desta forma; a morte, e este é o núcleo do Fédon, é um reencontrar – o diálogo vem para justificar a morte de um ser amado por Platão (Sócrates), sem lamentações e choros de carpideiras, e passa a ser um interrogatório, cujo objetivo é levar o interrogado (Sócrates) a justificar a imortalidade da alma e a vida após a morte, neste caso, uma vida imortal em sabedoria. A vida eterna em conhecimento é a via eleita como objetivo indeclinável a ser buscado pelos verdadeiros Filósofos, aqueles que são amigos da sabedoria. A morte deve ser aceita, porém não provocada. Começa, não sem razão, o diálogo com argumentos pela rejeição ao suicídio, que, por ser ato antinatural e contrário aos Deuses, não deve ser praticado.

Razão, portanto, para que nos empenhemos – retorquiu -, pois talvez agora possas ouvi-lo. É possível, todavia, que te surpreendas se te disser que, entre as demais convicções humanas, essa é a única positivamente simples que não varia de homem para homem como as outras, mesmo aquelas que consideram a morte um bem superior à vida. Sim, mesmo nesses: e talvez te surpreenda precisamente que, muito embora considerem a morte um bem superior à vida, seja aos seus olhos proibido obterem-no por suas mãos, obrigando-se, em vez disso, a esperar que o benefício lhe venha outrem. (PLATÃO, 2000, p. 37)

A partir desta premissa é que aparece o objetivo secundário do Diálogo que é confortar aqueles que ficam, seus discípulos, coagidos a sentir a eminente ausência do mestre.

É uma das obrigações do filósofo investigar a alma do homem, desvelando segredos esquecidos, de forma a encaminha-lo ao encontro do Bem em Si, ou seja, ponto final das almas bem-aventuradas, pois: “A alma, ela sim, é imortal. Não há dúvidas que as almas, outrora admitidas a contemplar o lugar supraceleste, onde se elevam as

Formas inteligíveis, tenham encontrado uma felicidade total nessa visão bem aventurada”. (PLATÃO, 2000, p. 61) Porém, ao cair em corpos mortais, resta o desejo incontido de procurar a felicidade, esta, no mundo dos seres corruptíveis, é efêmera e instável, como próprio da natureza humana. Confunde-se assim, o pleno conhecimento com a plena felicidade.

Esta divergência entre o que se desconhece, sendo o conhecer característica própria da alma, e o desejo de voltar a conhecer, próprio do homem, torna o homem refém de um processo inevitável de tentar lembrar, o que representa, no fundo, contrários em convergência e divergência. O antagonismo e o contraste se mostram quando confrontamos: a vida com a morte; o desconhecer com o lembrar, e a alma com o sensível, ou seja, aquilo que vê e aquilo que se mostra.

3.3 O ARGUMENTO DA TEORIA DAS IDEIAS

Em sua obra chamada A República, utilizando o mito da caverna, Platão expõe o seu pensamento acerca da existência de dois mundos: o sensível e o supra-sensível. “Antes de tudo, o mito da caverna traduz os diversos graus em que ontologicamente se divide a realidade, isto é, os gêneros do ser sensível e supra-sensível” (REALE, 2000, p. 167).

A Ideia então estaria no mundo supra-sensível ou o mundo das Ideias onde estaria as Ideias perfeitas, de onde, para Platão, deriva todas as Ideias do mundo sensível onde estão as cópias ou Ideias imperfeitas. O que achamos belo tem em si a participação da Ideia de belo.

- Que dúvida! – disse Cebes. – Conta com o meu assentimento e não atrases mais as tuas conclusões.

- Ora, vê se pensas também como eu quanto ao que daqui se infere. Por mim, parece-me efetivamente que, se alguma coisa bela existe além do Belo em si, a única exclusiva razão de assim ser é o fato de participar desse mesmo belo. (PLATÃO, 2000, p. 87)

Platão tenta fazer uma ligação entre dois pensamentos importantes de Heráclito e Parmênides acerca do ser sem negar o não ser.

Aliás, talvez num aspecto o paralelo não seja exato, pois não é, quanto a mim, ponto resolvido que o estudo dos seres, por meio das manifestações externas, se revele, menos do que pelas ideias, um estudo à base de imagens.... Seja como for, o certo é que me lancei por essa via. E assim, partindo em cada caso do pressuposto que julgo ser mais seguro, tudo o que se afigura em concordância com ele tomo por verdadeiro, quer no

tocante às causas quer a qualquer outro aspecto; e caso contrário, não o aceito como tal. (PLATÃO, 2000, p. 87)

Utilizando a dialética como método de prova na tentativa de uma resolução, Platão sempre recorre à negação do mundo sensível e ao mesmo tempo a afirmação do mundo supra-sensível ou das Ideias, residência da realidade em si. Mundo esse de onde sai e volta a alma.

A alma, assim como o Demiurgo, desempenha papel de mediadora entre as ideias e a matéria, à qual comunica o movimento e a vida, a ordem e a harmonia, em dependência de uma ação do Demiurgo sobre a alma. [...] Ele, todavia, dá a alma humana um lugar e um tratamento à parte, de superioridade, em vista dos seus impelentes interesses morais e ascéticos religiosos e místicos. (PANDINI, 1984 p, 118)

O filósofo tem a necessidade de contemplar a ideia perfeita e para isso precisa fazer um caminho de libertação do que te aprisiona no mundo sensível. Existe então um limite nessa capacidade de contemplação. Esse limite está exatamente no corpo que aprisiona a alma. No composto corpo e alma, o corpo é, portanto, a parte deteriorante.

- E então? Se adicionássemos uma unidade a outra, não evitarias cautelosamente dizer que era a adição a causa de passar a haver dois, ou a fração, no caso de a fracionarmos? Bem pelo contrário. Clamarias em altos brados que não conheces outro processo de uma dada coisa chegar à existência que não seja a participação nessa realidade específica que cada uma em concreto partilha; pelo que, nos exemplos apontados, dirás nada mais haver a alegar, quanto ao aparecimento de dois, senão a própria participação do Dualismo, uma vez que só mediante tal participação alguma coisa pode chegar a ser “dois”, tal como só pela participação na Unidade pode chegar a ser “um”. (PLATÃO, 2000, p.89.)

Essa unidade impossibilita atingir o conhecimento pleno, porque cada Ideia é uma unidade e também é a unificação das coisas que participam dela, sendo o corpo essa barreira para que atinja o pleno conhecimento.

Por fim, o argumento da teoria das Ideias perpassa todo o itinerário usado por Platão na obra Fédon, permitindo admitir a existência de realidades inteligíveis como verdadeiras e causadoras das coisas sensíveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse diálogo, os discípulos são convencidos diante das ideias postas pelo seu mestre, o personagem Sócrates, de que a alma é a verdadeira essência do ser e que nela se encontra nossa verdadeira forma e atributos divinos, porém, a capacidade do homem em alcançar a verdadeira sabedoria da alma é limitado

devido as nossas experiências sensíveis capitadas pelo nosso corpo, impedindo a transação do ser no mundo das Ideias. Assim podemos constatar que, se de fato existe uma alma imortal que movimenta e comanda o corpo humano, nós a tomamos como portão de entrada para nossos estudos filosóficos.

Nesse trabalho, partindo do olhar de Platão, procuramos esclarecer o entendimento que podemos ter sobre a alma como parte de um dualismo e as argumentações trazidas por Platão para embasar seu pensamento acerca da imortalidade da alma.

Utilizando a metodologia do próprio Platão, pudemos perceber que na ordem da obra os argumentos oferecidos por ele: o argumento dos contrários, cujo objetivo é provar a imortalidade da alma pela imposição da exclusão de Formas divergentes. No decorrer do diálogo ele nos mostra o argumento da anamnese do qual ele expõe que a alma procura recordar o que sempre contemplou que é imortal e perfeito no mundo das formas, principalmente o conhecimento em si. Essa argumentação nos leva a concluir que o objetivo principal da vida de um filósofo é chegar o mais próximo do conhecimento. Para concluir suas argumentações, Platão expõe sua terceira argumentação acerca da teoria das Formas ou Ideias que em suma a alma é apresentada como causa e razão de todas as coisas com sutileza e pureza, no mundo sensível e também no mundo supra-sensível.

Por fim, podemos perceber a preocupação que Platão demonstrou em esclarecer para a importância que a alma tem para o humano. A morte, deve ser para o filósofo um acontecimento natural que expressa esforço em procurar está mais próximo do conhecimento.

Diante de uma sociedade que cada vez mais relativiza o ser humano, é preciso ter visões como a de Platão para não tomar essa vida como acontecimento casual e viver de forma a não cuida de si e do outro.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia**. v.1. 2ª ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: A formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARITAIN, Jacques. **Elementos da filosofia. 1.** Introdução geral a filosofia. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1981.

PANDINI, Umberto e CASTAGNOLA, Luís. **História da filosofia. O problema da história da filosofia.** 14 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1984.

PLATÃO, **Diálogos 1:** teeteto (do conhecimento, Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). São Paulo: Ediplo, 2007.

_____, **Fédon.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

_____, **Fedro.** Lisboa Guimarães Editora, 2000.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia.** v.1, 6 ed. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **Corpo, alma e saúde:** O conceito de homem de Homero e Platão. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão. Alma, cidade, cosmo.** Tomo 3. São Paulo: Loyola. 2009.